

LILIANA MARIA VICENTE LOPES

**Associação entre os Mitos de Violação, Ativação Fisiológica e Resposta
Emocional face a *clip* de Violência Sexual**

Orientadora: Professora Doutora Joana Carvalho

CoOrientador: Professor Doutor Pedro Joel Rosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2021

LILIANA MARIA VICENTE LOPES

**Associação entre os Mitos de Violação, Ativação Fisiológica e Resposta
Emocional face a *clip* de Violência Sexual**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do
Grau de Mestre em Psicologia Forense no curso de Mestrado
de Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias, no dia 08 de junho de 2021
com o Despacho de Nomeação de Júri nº 165/2021, de 14 de
maio de 2021, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Rita Cruz

Arguente: Prof. Doutor Nélcio Brazão

Orientador: Prof.^a Doutora Joana Carvalho

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida
Lisboa
2021**

Liliana Maria Vicente Lopes

Associação entre os Mitos de Violação, Ativação Fisiológica e Resposta Emocional face a clip de Violência Sexual

Aos meus pais,

Que sempre se esforcem para realizarem os meus objetivos.
Nunca desistiram de mim e sempre acreditaram que juntos
conseguíamos tudo aquilo que sempre estabelecemos para a
minha vida.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, à Professora Joana Carvalho que sempre demonstrou empenho e disponibilidade para a realização da dissertação e, também por sempre ter acreditado em mim e nas minhas capacidades. Em segundo, gostaria de agradecer ao Professor Nélio que, apesar de estar presente nos momentos mais stressantes do caminho académico também está nos momentos mais glorificantes deste percurso.

Agradeço aos meus pais, que sempre se mataram a trabalhar para me proporcionarem um melhor futuro. Agradeço-lhes também, pela pessoa que sou hoje, pela educação que me deram tanto pessoal como académica, sem a força deles de sempre acreditarem em mim provavelmente, não teria agarrado os meus sonhos.

Quero agradecer ao meu namorado, Gonçalo, por ter estado sempre do meu lado durante estes últimos quatro anos. Sempre acreditou em mim, deu-me a força que eu precisava para nunca desistir. Quando achava que não iria conseguir terminar a dissertação dava-me o apoio que necessitava para não desistir, acreditando sempre em mim quando eu já tinha certezas que não conseguia mais. Agradeço-lhe também, por ter ficado sempre do meu lado nas alturas de maior stress, em que por vezes lhe respondia mal e não tinha paciência para nada, mas mesmo assim ele acreditou em mim até ao fim.

Ao meu irmão, Diogo, que enquanto eu estava a escrever a dissertação e só reclamava com tudo, que não conseguia encontrar nada de artigos e que provavelmente o melhor era desistir, ele acalmava-me, e mesmo não percebendo nada sobre mitos de violação e como estes se relacionavam com as emoções pedia-me para ter calma que iria procurar na internet e que iria encontrar qualquer coisa que fosse para me ajudar. Eram nestes momentos que ele sem dar conta, me acalmava e indiretamente dava-me o apoio e a força que eu necessitava naquele momento.

Quero agradecer também à minha tia Sara, que é para mim uma segunda mãe, é com ela com quem desabafo quando tenho problemas. Sempre me apoiou em tudo na minha vida, é aquela pessoa que me dá a força que preciso e sempre acreditou em mim e me ajudou a concretizar os meus sonhos.

Por último, e não menos importante que os outros, quero agradecer aos meus amigos e colegas que sempre acreditaram em mim. À Maria e à Nana que sempre me acompanharam desde a licenciatura e, apesar de no mestrado não o terem feito comigo

foi uma amizade que durou até aos dias de hoje e sempre me apoiaram em todas as minhas decisões. Durante o mestrado, criei outras amizades que também acredito que irão ficar para o resto da vida, por isso agradeço à Patrícia, à Catarina e principalmente à Mária que sempre esteve lá quando precisava de ajudar para terminar a dissertação. Ao Pedro, que me deu a força necessária para terminar a dissertação e ajudou-me acreditar em mim e nas minhas capacidades.

Também gostaria de agradecer tanto à Católica-FCH como à ULHT, assim como a todos os professores que fizeram parte deste percurso académico, por me terem fornecido as ferramentas necessárias para a psicóloga que serei futuramente.

Resumo

No âmbito da compreensão do fenómeno da violência sexual, a literatura foca-se no estudo do papel dos mitos de violação na perpretação e legitimação dos comportamentos de violência sexual. Por isto, este estudo tem como objetivo compreender o papel dos mitos de violação na forma como os indivíduos do género masculino respondem emocionalmente à visualização de *clips* de violência sexual e de violência física contra mulheres. Para tal, participaram neste estudo 30 estudantes do género masculino. Os resultados mostraram algumas associações significativas entre os mitos de violação e a forma como os sujeitos responderam emocionalmente aos clips de violência, sobretudo ao menor afeto negativo face ao clip de violência sexual. Espera-se com este estudo fomentar a investigação na área, no sentido de uma melhor compreensão acerca dos processos psicológicos implicados nos comportamentos de violência sexual.

Palavras-Chave: Mitos de violação; Violência; Violência sexual; Resposta fisiológica; Pornografia.

Abstract

In the context of understanding the phenomenon of sexual violence, the literature focuses on studying the role of rape myths in perpetration and legitimization of sexual violence behaviors. Therefore, this study aims to understand the role of rape myths in how male individuals respond emotionally to viewing clips of sexual violence and physical violence against women. To this end, 30 male students participated in this study. The results showed some significant associations between rape myths and the way subjects responded emotionally to clips of violence, especially the lower negative affect towards the clip of sexual violence. It is hoped that this study will foster research in the area, towards a better understanding about the psychological processes involved in sexual violence behaviors.

Keywords: Myths of rape; Violence; Sexual violence; Physiological response; Pornography.

Índice

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
1. Conceito de Violência Sexual.....	11
2. Mitos de Violação	12
3. Mitos de Violação e Pornografia	15
4. Objetivo e Hipóteses	16
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	17
1. Participantes.....	18
2. Instrumentos.....	18
2.1. ECVS – Escala de Crenças sobre a Violência Sexual	18
2.2. PANAS – Positive and Negative Affect Schedule.....	19
2.3. Escala de Excitação Sexual Subjetiva.....	20
3. Procedimentos.....	20
3.1. Redução dos Dados Psicofisiológicos.....	21
4. Análise de Dados	22
CAPÍTULO III - RESULTADOS.....	23
1. Mitos de Violação e Resposta Emocional Subjetiva	24
2. Mitos de Violação e Resposta Emocional Psicofisiológica	24
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO	27
Referências.....	31

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra.....	18
Tabela 2. Correlações de Pearson entre os Mitos de Violação e a Resposta Emocional Subjetiva (n = 30)	25
Tabela 3. Correlações de Pearson entre os Mitos de Violação e a Resposta Psicofisiológica (n = 30)	26

Liliana Maria Vicente Lopes

Associação entre os Mitos de Violação, Ativação Fisiológica e Resposta Emocional face a clip de Violência Sexual

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Conceito de Violência Sexual

O conceito de violência tem assumido um carácter dinâmico e não consensual ao longo de diferentes épocas. Esta definição varia em função das diversas áreas científicas ou de diferentes organizações, tendo cada uma delas a sua abordagem e conceito (Direção Geral da Saúde, 2016).

A definição de violência pode ser compreendida de várias perspetivas, pois temos de ter em consideração a forma como o ato é percecionado e vivido, tanto pela vítima como pelo agressor. A violência pode ser assumida como uma agressão física, psicológica, sexual ou discriminatória, podendo ocorrer em diversos contextos, quer seja na vida privada, doméstica, escolar ou pública. Em relação à frequência do ato, este pode ser uma ação isolada ou um processo recorrente (Lisboa, Barroso, Patrício & Leandro, 2009).

O Relatório Mundial da Violência e Saúde salientou a importância do impacto da violência sexual na saúde, referindo a carência de investigações sobre o problema e quais as maneiras mais corretas de intervir (Abrahams, Jewkes & Laubsher, 2004).

As definições de violência sexual variam consoante o país e a legislação de cada país. A maioria dos países, atualmente, define violência sexual como a penetração oral, vaginal ou anal sem consentimento da vítima, usando a força, a ameaça, os danos corporais ou aproveitando-se da vítima que se encontra incapacitada de dar consentimento. É importante referir que a incapacidade pode incluir deficiência mental/cognitiva, influência de álcool/drogas, a vítima ser menor, ou qualquer outra circunstância que segundo a lei invalida a capacidade de um sujeito para dar consentimento (National Institute of Justice, 2010).

Segundo a Associação de Apoio à Vítima (APAV, 2019), a violência sexual “abrange todos os atos ou tentativas de atos sexuais, avanços ou comentários sexuais cometidos por uma ou mais pessoas contra outra(s) pessoas(s), sem que esta(s) o deseje(m) ou consinta(m)”.

A violência sexual assume várias formas entre elas: o assédio sexual e a agressão sexual. O assédio sexual diz respeito a comentários, movimentos e/ou piadas e também tem a ver com a exposição indecente (como ser tocado ou agarrado sexualmente). A agressão sexual é composta por uma grande variedade de comportamentos indesejados envolvendo força física, ameaça, uso de armas, coerção, intimidação ou pressão na vítima. O agressor pode ser um estranho ou um conhecido da vítima (amigo, familiar ou parceiro íntimo). As taxas de violação variam conforme o crime é definido, qual o tipo de vítima e qual a metodologia usada (National Institute of Justice, 2010).

A violação é um ato de violência extrema com consequências psicológicas, físicas e sociais graves, sendo duradouras para as vítimas, muitas vezes com consequências a nível da própria vida abrangendo a saúde, a educação, o trabalho e os relacionamentos (Beshers & DiVita, 2019; OMS, 2010).

Também é importante referir que quando os atos não são denunciados às autoridades, tal pode prejudicar as oportunidades de acesso aos serviços de saúde e justiça e os agressores podem ficar impunes, podendo representar uma ameaça para outras possíveis vítimas (Ceelen, Dorn, Huis & Reijnders, 2016; OMS, 2010).

A prevalência global de violência sexual diz-nos que 35.6% das mulheres já foram vítimas de algum tipo de violência sexual. Na Europa, a prevalência de violência sexual e física nas relações de intimidade é de 25.4% e a de violência sexual cometida por conhecidos ou desconhecidos é de 5.2%. Em Portugal, a maioria das vítimas é do sexo feminino (92.2%) e os agressores do sexo masculino (98%), sendo um crime cometido na maior parte das vezes por familiares (45.2%) e por conhecidos (22.2%) (Associação de Mulheres Contra a Violência, 2015).

2. Mitos de Violação

No âmbito da normalização/legitimação do fenómeno da violência sexual, a literatura foca-se na compreensão dos mitos de violação, na perpetração e legitimação dos comportamentos de violência sexual. Compreender as atitudes da violência sexual permite-nos compreender como é que a população reage e se comporta perante as vítimas e os agressores (Freese, Moya & Megías, 2004). Estas atitudes, são extremamente importantes, uma vez que podem ser sustentadas tanto pelos perpetradores como pelas vítimas e estão, constantemente, relacionadas com a culpabilização da vítima, pela minimização do impacto psicológico do crime e pela justificação do comportamento do agressor (Martins, Machado, Abrunhosa & Manita, 2012).

A definição de “mito” apresenta três características comuns: os mitos são crenças que são amplamente difundidas; explicam fenómenos culturais importantes e servem para explicar arranjos culturais existentes (Lonsway & Fitzgerald 1994; Payne, Lonsway & Fitzgerald, 1999); e os mitos de violação são definidos como falsas crenças culturais que têm como objetivo culpar as vítimas e não os agressores e, também, minimizar o impacto/dano provocado nas vítimas (Suarez & Gadalla, 2010).

Os mitos de violação foram inicialmente definidos por Burt (1980) como “preconceituosos, estereotipados ou falsas crenças sobre a violação, vítimas de violação e agressores”.

Em 1994, Lonsway e Fitzgerald, definem mitos como “atitudes e crenças que são geralmente falsas, mas que são amplamente e persistentemente mantidas, e que servem para negar e justificar a agressão sexual”.

A revisão de literatura descreve quatro categorias de mitos: crenças que dizem respeito à vítima (e.g., pessoas que bebem álcool ou consumiram drogas são, em parte, responsáveis pela violação; as mulheres provocam situações de violação através de comportamentos ousados, roupa provocativa e andar na rua durante a noite; se a vítima não gritou, não lutou ou nem ficou ferida, então consentiu a violação); crenças sobre a revelação do acontecimento (e.g., a maioria das denúncias de violação são falsas, as mulheres só o fazem por arrependimento ou vingança; todas as vítimas demonstram sentimentos de angústia quando prestam o depoimento; qualquer atraso que haja na denúncia da violação pode ser suspeito); crenças que desculpam o agressor (e.g., a violação é um crime passional) e, por último, crenças que a violação só ocorre em certos grupos sociais (a violação masculina só ocorre entre gays; as prostitutas não podem ser violadas) (Beshers & DiVita, 2019; Burrowes, 2013; Eschholz & Vaughn, 2001; Hockett, Saucier & Badke, 2015; Reling, Becker, Drakeford & Valasik, 2018; Smith & Skinner, 2017; Suarez & Gadalla, 2010).

Quando as mulheres são agredidas sexualmente os mitos de violação sexual contribuem para o aumento da estigmatização, acreditando na ideia que a mulher não cumpriu adequadamente as “normas femininas” que lhe são impostas pela sociedade (Reling, Barton, Becker & Valasik 2017).

Os mitos de violação podem desencorajar as vítimas a revelar o acontecimento, diminuindo a probabilidade de identificar a violação como real, sentimentos de responsabilidade/culpa pela agressão e, também, a diminuir a possibilidade de obter um maior apoio tanto a nível social como na sua própria recuperação. Vários são os fatores que contribuem para a não revelação do acontecimento e aumento dos mitos relativos à violação, entre eles: acreditar que a violação envolve armas ou força física; a violação só acontece entre estranhos; a maneira como a sociedade pensa em relação a assuntos como a violação pode fazer com que as vítimas se isolem de familiares e amigos e, por último, ao procurarem ajuda podem sofrer de uma revitimização (Moor, 2007; Rosensteins & Carroll, 2015).

Porém, como vários estudos têm demonstrado, as mulheres podem ser violadas em diferentes circunstâncias. A investigação aponta que 29% das violações ou tentativas de violação são cometidas por conhecidos e que apenas 11% são cometidas por estranhos (Anderson, 2007; Russell, 1982). Noutro estudo 61% dos casos de violação foram cometidos por namorados ou maridos, 17% por conhecidos e 9% por estranhos (Anderson, 2007; Gavey, 1991). Por último, outro estudo mostrou que 84% dos casos de violação foram cometidos por um conhecido da vítima envolvendo pouca agressão, não havendo o uso de armas e poucos ferimentos na vítima (Anderson, 2007; Koss, 1988).

A aceitação dos mitos de violação está fortemente ligada a comportamentos enraizados e difundidos na sociedade como os papéis tradicionais de género, o conservadorismo e a aceitação da violência sexual (Burt, 1980). Ao longo dos anos, os estudos têm mostrado a ligação entre a adesão dos mitos de violação à culpabilização das vítimas e às atitudes em relação aos papéis tradicionais de género (Burt, 1980; Kress, Shepherd, Anderson, Petuch, Nolan & Thiemeke, 2006). Dos estudos realizados, os resultados apontam que a aceitação dos mitos de violação é, em grande parte, impulsionada pela forma como as pessoas acreditam que os homens e as mulheres devem agir na sociedade, criando crenças sobre os papéis tradicionais de género (Bitton & Jaeger, 2019; Walfield, 2018).

Em relação à prevalência dos mitos de violação tanto os homens como as mulheres endossam mitos de violação, embora os estudos demonstrem que os homens sejam mais propensos a endossar mitos de violação do que as mulheres (Franiuk, Seefeldt & Vandello, 2008; Hayes-Smith & Levett, 2010; Lonsway & Fitzgerald, 1994).

Em geral, a prevalência dos mitos de violação está correlacionada com atitudes hostis em relação às mulheres, o apoio aos papéis tradicionais estereotipados para os homens e as mulheres e a desvalorização para com as vítimas de violência sexual (Franiuk, Seefeldt & Vandello, 2008; Lonsway & Fitzgerald, 1994).

A investigação tem demonstrado que o endosso de mitos de violação por parte dos homens está correlacionado com a probabilidade de ao cometer a agressão sexual não receber repercussões pelo ato praticado, ou seja, os mitos de violação têm como objetivo culpar as vítimas, proteger os agressores e encorajar o comportamento de agressão sexual dos homens (Franiuk, Seefeldt & Vandello, 2008).

Apesar do endosso de mitos de violação estar associado a uma maior legitimação da mesma, o processo pelo qual este acontece, não é conhecido. Sabe-se, contudo, que a exposição à pornografia, incluindo pornografia violenta, está associada ao aumento do

endosso de atitudes legitimadoras de violação é pois, importante perceber esta associação, uma vez que grande parte da pornografia disponível retrata cenas que envolvem sexo forçado ou violação (Allen, Emmers, Gebhardt & Giery, 1995).

3. Mitos de Violação e Pornografia

A relação entre a exposição à pornografia e a aceitação dos mitos de violação parte de uma premissa, que a maior parte da pornografia comercializa o sexo, onde as mulheres são vistas como objetos para prazer masculino, reforçando assim a aceitação dos mitos de violência sexual (Allen, Emmers, Gebhardt & Giery, 1995; Herrett, 1993; Slade, 1975; Smith, 1976). Neste contexto, verificou-se que a exposição a estes conteúdos aumentava a aceitação dos mitos de violação por parte dos homens (Malamuth & Check, 1985). Num estudo realizado por Donnerstein (1980), os homens foram expostos a três estímulos: um filme sexualmente agressivo que envolvia violação à mão armada, um filme sexual de relação consentida e, por último, um filme neutro sem atividade sexual. Após a visualização dos filmes os resultados encontrados indicaram que os dois filmes que envolviam erotismo causaram excitação sexual nos sujeitos. Este estudo concluiu que a visualização de conteúdo erótico violento estimula o homem a ser diretamente agressivo com a mulher. De forma similar, verificou-se que a exposição à violência pornográfica tem vindo a influenciar as atitudes masculinas e que o uso de temas agressivos em fantasias sexuais direciona o pensamento masculino diretamente à violência sexual contra mulheres (Rosen & Beck, 1988). Porém, e tal como foi referido anteriormente, apesar desta associação entre pornografia violenta e mitos sexuais, não se conhece o processo pelo qual os mitos podem influenciar as respostas dos indivíduos face ao contexto de violência sexual, sabe-se apenas que a exposição a estímulos de violência sexual pode resultar em excitação sexual em homens da comunidade (Carvalho, Pereira, Barreto & Nobre, 2017). Ora, sendo a excitação sexual apenas uma componente da resposta emocional face a conteúdos sexuais (Janssen, 2007), fica por esclarecer que outros estados emocionais possam estar envolvidos na resposta face a estímulos de violência sexual, e sobretudo se estas respostas emocionais podem estar associadas ao endosso de mitos.

4. Objetivo e Hipóteses

Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo aprofundar o conhecimento acerca da relação da exposição à pornografia com a violência sexual e o endosso de mitos de violação. Mais especificamente, este estudo pretende avaliar a relação entre as respostas emocionais psicofisiológicas (EMG facial e EA) e subjetivas de um grupo de homens face à exposição a um *clip* de violação de mulher, por contraponto a um *clip* de violência física contra mulher e um *clip* neutro (sem qualquer forma de violência), bem como o endosso de mitos de violação.

À luz da literatura, esperamos que o endosso de mitos de violação esteja significativamente associado a mais respostas emocionais positivas (e.g., alegria), a menos respostas negativas (e.g., tristeza, raiva) e a uma maior ativação zigomática/menor ativação supraciliar (sendo o primeiro indicador de afeto positivo, e o segundo um indicador de afeto negativo) face a um *clip* de violação.

Uma vez que a ativação eletrodérmica (EA) não confere valor hedónico, mas apenas ativação, consideramos a hipótese bidirecional e a existência de uma associação entre os mitos e a ativação eletrodérmica.

Liliana Maria Vicente Lopes

Associação entre os Mitos de Violação, Ativação Fisiológica e Resposta Emocional face a clip de
Violência Sexual

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

1. Participantes

Como critérios de inclusão os participantes tinham de ser heterossexuais do género masculino e ter idade mínima de 18 anos.

O presente estudo é composto por 30 participantes do género masculino com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos ($M = 29.6$ e $DP = 9.38$). Dos 30 participantes, 10% ($n=3$) são casados e 90% ($n=27$) são solteiros.

Em relação às habilitações literárias 66.7% ($n=20$) frequenta a licenciatura, 13.3% ($n=4$) frequenta o mestrado e 20% ($n=6$) frequenta outro tipo de ensino (ver Quadro 1).

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Variáveis	Grupos	n	%
Estado Civil	Casado	3	10.0
	Solteiro	27	90.0
Habilitações Literárias	Licenciatura	20	66.7
	Mestrado	4	13.3
	Outro	6	20.0
Problemas Psiquiátricos	Não	28	93.3
	Sim	2	6.7
Orientação Sexual	Heterossexual	30	100.0

2. Instrumentos

2.1. ECVS – Escala de Crenças sobre a Violência Sexual

A Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (Martins, Machado, Abrunhosa & Manita, 2012) é um questionário de 30 itens que avalia o grau de tolerância/aceitação do sujeito quanto ao uso da violência de natureza sexual. A ECVS é composta por cinco fatores: o primeiro fator é a “Representação Estereotipada da Violação” (e.g., “Força o (a) cônjuge (marido/esposa) a ter relações sexuais não é violação.”); o segundo fator é a “Provocação da Vítima” (e.g., “Há um certo ponto a partir do qual nenhum

homem/mulher é de ferro.”); o terceiro fator é o “Consentimento da Vítima” (e.g., “Quando as mulheres dizem não (ao sexo), muitas vezes, querem dizer sim.”); o quarto fator é a “Falsa noção de invulnerabilidade pessoal” (e.g., “Os agressores são, quase sempre, desconhecidos da vítima.”) e o quinto fator são as “Falsas alegações” (e.g., “As pessoas dizem que foram vítimas de violência sexual quando se querem vingar de alguém.”). Cada item é respondido com base numa escala tipo Likert de 5 pontos (*1 – discordo totalmente e 5 – concordo totalmente*). A pontuação final resulta do somatório de todos os itens e varia entre 1 e 150). Quando menor é resultado menor é o grau de tolerância/aceitação do sujeito quanto ao uso de violência de natureza sexual.

A versão original apresentou bons níveis de consistência interna, obtida através do alfa de Cronbach de .91 (Martins, Machado, Abrunhosa & Manita, 2012). No presente estudo, o nível de consistência interna no fator 1 apresentou um alfa de Cronbach de .81, o fator 2 .76, o fator 3 .79, o fator 4 .56 e o fator 5 .76.

2.2. PANAS – Positive and Negative Affect Schedule

A Positive and Negative Affect Schedule (PANAS; Watson, Clark & Tellegen, 1988; Versão Portuguesa: Galinha & Pais-Ribeiro, 2005) é um questionário de auto-resposta composto por 20 itens dividido em 2 subescalas que avalia o afeto positivo (e.g., “interessado”; “entusiasmado”) e o afeto negativo (e.g., “perturbado”; “atormentado”). Cada item é respondido com base numa escala tipo Likert de 5 pontos (*0 – muito pouco/quase nada a 4 – extremamente*). A pontuação final resulta do somatório de todos os itens e varia entre 0 e 40. Quanto maior o resultado de cada subescala maior a presença daquele afeto.

A versão original da escala apresenta bons níveis de consistência interna, quer com a escala do afeto positivo ($\alpha = .89$), quer com a escala do afeto negativo ($\alpha = .85$) (Watson, Clark & Tellegen, 1988). No presente estudo, o nível de consistência interna foi de .75 para o afeto positivo e de .92 para o afeto negativo para o clip de violência sexual; para o clip de violência física o afeto positivo teve um alfa de Cronbach de .92 e para o afeto negativo de .94;

para o clip neutro o afeto positivo apresenta um alfa de Cronbach de .96 e o afeto negativo apresenta .96.

2.3. Escala de Excitação Sexual Subjetiva

A Escala de Excitação Sexual Subjetiva é uma escala de autor (escala desenvolvida no âmbito dos trabalhos de investigação efetuados no SexLab, Universidade do Porto pelos seguintes autores: Carvalho, Pereira, Barreto & Nobre, 2016) que tem como objetivo avaliar a excitação sexual subjetiva mediante a exposição a um estímulo, sendo composta por três questões: “Sexualmente Excitado”; “Grau de Ereção”; “Desejo de se envolver sexualmente” (e.g., “sexo com a parceira, masturbação”). Cada item é respondido com base numa escala tipo Likert de 10 pontos (0 – *nada* a 9 – *extremamente*). A pontuação final resulta do somatório de todos os itens e varia entre 0 e 27, em que quanto menor o resultado menor a excitação sexual subjetiva e quanto maior é o resultado maior é a excitação sexual subjetiva.

No presente estudo os valores do alfa de Cronbach encontrados foram os seguintes: $\alpha = .95$ para o clip de violência sexual; $\alpha = .99$ para o clip de violência física e, $\alpha = .94$ para o clip sem violência.

3. Procedimentos

O presente estudo foi deferido pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica da EPCV (CEDIC) e realizou-se no Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa (LebPsiExp).

A amostra do presente estudo, foi uma amostra não probabilística por conveniência, uma vez que o estudo foi divulgado tanto nas redes sociais como em salas de aula. Após a divulgação do estudo, os homens interessados agendavam a sua participação através do envio de um email para os investigadores.

A participação do presente estudo, realizou-se de forma voluntária e os participantes poderiam desistir a qualquer momento. No presente estudo não houve nenhum participante a desistir tendo assim um total de 30 participantes. Os homens que participaram no estudo não receberam qualquer tipo de recompensa pela sua participação.

Na primeira fase deste estudo, e após a entrada dos participantes no laboratório, os participantes responderam, primeiramente, ao questionário sociodemográfico.

Antes de se iniciar a recolha dos dados os participantes assinaram o consentimento informado, este consentimento era composto sobre o objetivo do estudo e os conteúdos de violência a que seriam expostos.

Na primeira fase deste estudo, e após a entrada dos participantes no laboratório, os participantes responderam primeiramente ao questionário sociodemográfico e de seguida à Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS). Seguidamente, foram reencaminhados para a sala experimental para a colocação dos elétrodos (para aquisição de EMG facial e EA) e realizou-se o início da visualização dos *clips*, especificamente *clips* de violência sexual (perpetração sexual masculina/vítima do género feminino), *clip* de violência física (homem contra mulher) e um *clip* neutro de interação entre homem e mulher sem qualquer tipo de violência, este clip foi retirado de filmes comerciais, com uma duração de 40 segundos cada, apresentados de forma aleatória. Para além destes *clips* também, foi visualizado um *clip* neutro (documentário sobre a natureza) para aquisição da baseline dos indicadores fisiológicos. Após a visualização de cada *clip*, os participantes responderam ao questionário do PANAS e do questionário de excitação sexual subjetiva. Os *clips*, tal como todas as perguntas foram visualizados e respondidos através do software Tobii Studio v 3.2.2 (Tobii Technology AB, Suécia num monitor TFT 17” ligado a um computador Intel core 2duo 6550. Os *clips* foram apresentados no modo de ecrã inteiro com resolução de 1280 x 1024 px. O som original dos *clips* foi apresentado através de uns auscultadores Sennheiser HD 201 cujo volume se encontram no valor 50 de 100.

3.1. Redução dos Dados Psicofisiológicos

O sinal EMG bruto foi suavizado através de um filtro de Resposta Impulsional Finita (IIR) do tipo Butterworth de quarta ordem (passa-banda), com frequências de corte de 28 e 250 Hz e retificado com uma média móvel de 100ms. A razão EMG foi computada através da seguinte fórmula: Média do EMG durante o vídeo (40s)/Média EMG basal (-2s). Para a atividade eletrodérmica, o sinal bruto foi filtrado com um filtro de Resposta Impulsional Finita (IIR) do tipo Butterworth de segunda ordem (passa-baixo), com frequências de corte de 5Hz e corrigido para a amplitude para minimizar a variabilidade interindividual, de acordo com as

orientações de Lykken e Venables (1971). A razão do nível de condutância dérmica foi computada através da seguinte fórmula: Média corrigida do NCD durante o vídeo (40s)/Média corrigida do NCD basal (-2s).

4. Análise de Dados

Para analisar os dados do presente estudo foi utilizado o software IBM SPSS 22. Foram realizadas análises descritivas para caracterizar os participantes e também foram feitas análises de consistência interna para os instrumentos.

Para testar as hipóteses, e devido ao número limitado de participantes neste estudo, foram realizadas correlações de Pearson entre a ECVS e os indicadores de interesse: EMG facial (supraciliar e zigomática), afeto positivo, afeto negativo e excitação sexual subjetiva, para cada um dos *clips*.

Liliana Maria Vicente Lopes

Associação entre os Mitos de Violação, Ativação Fisiológica e Resposta Emocional face a clip de
Violência Sexual

CAPÍTULO III - RESULTADOS

1. Mitos de Violação e Resposta Emocional Subjetiva

Para se averiguar a associação entre os mitos de violação e a resposta emocional subjetiva face aos *clips* de violência realizaram-se correlações de *Pearson*. Os dados mostraram que a representação estereotipada da vítima está significativamente associada a menor afeto positivo face ao *clip* neutro, i.e., sem demonstração de violência ($r = -.37, p = .046$). Adicionalmente, verificou-se que os mitos de representação estereotipada ($r = -.42, p = .022$), provocação da vítima ($r = -.36, p = .048$) e falsas alegações ($r = -.38, p = .039$), estão igualmente associados a menor afeto negativo face ao *clip* de violência sexual. No que diz respeito ao *clip* de violência física, verificou-se que os mitos de representação estereotipada ($r = -.54, p = .002$) e invulnerabilidade pessoal ($r = -.37, p = .044$) estão significativamente associadas ao afeto negativo face a este. Não se verificaram associações significativas no que respeita à resposta sexual subjetiva (ver Tabela 2).

2. Mitos de Violação e Resposta Emocional Psicofisiológica

Para se averiguar a associação entre os mitos de violação e a resposta psicofisiológica face aos *clips* de violência realizaram-se correlações de *Pearson*. Os dados mostram que a invulnerabilidade pessoal está significativamente associada à resposta psicofisiológica supraciliar ($r = .47, p = .009$) face ao *clip* neutro, ou seja, quanto mais mitos existem menor é a agradabilidade mediante situações de interação normativa e consensual. Não se verificam mais associações significativas no que respeita à resposta emocional psicofisiológica (ver Tabela 3).

Tabela 2. Correlações de Pearson entre os Mitos de Violação e a Resposta Emocional Subjetiva (n = 30)

	Violência Sexual						Violência Física						Sem Violência					
	Afeto Positivo		Afeto Negativo		Excitação Sexual Subjetiva		Afeto Positivo		Afeto Negativo		Excitação Sexual Subjetiva		Afeto Positivo		Afeto Negativo		Excitação Sexual Subjetiva	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Representação Estereotipada	,000	1	-,417*	,022	,021	,912	-,214	,257	-,540**	,002	-,126	,508	-,367*	,046	,021	,913	-,208	,270
Provocação da Vítima	,116	,540	-,363*	,048	,266	,155	,004	,982	-,241	,199	,061	,750	-,057	,764	,137	,470	,091	,631
Consentimento da Vítima	,235	,212	-,025	,895	,208	,271	,010	,960	-,089	,640	-,099	,602	,071	,710	-,090	,637	,025	,896
Invulnerabilidade Pessoal	,045	,814	-,305	,101	,028	,883	-,057	,764	-,371*	,044	-,020	,918	-,267	,154	,029	,877	-,174	,358
Falsas Alegações	,135	,476	-,379*	,039	,357	,053	,139	,463	-,249	,185	,133	,551	,114	,547	,112	,554	,163	,391

Nota. *p<.05, **p<.01

Tabela 3. Correlações de Pearson entre os Mitos de Violação e a Resposta Psicofisiológica (n = 30)

	Violência Sexual						Violência Física						Sem Violência					
	Supraciliar		Zigomática		EDA		Supraciliar		Zigomática		EDA		Supraciliar		Zigomática		EA	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Representação Estereotipada	-,107	,573	,035	,854	-,047	,805	-,183	,333	-,067	,726	-,092	,628	-,032	,867	,168	,374	-,082	,665
Provocação da Vítima	,001	,994	,061	,747	-,010	,957	,121	,526	-,143	,452	-,108	,570	,251	,180	,069	,717	-,110	,562
Consentimento da Vítima	,144	,448	,114	,550	-,088	,645	,059	,755	-,027	,886	,029	,879	,201	,286	,158	,404	-,073	,701
Invulnerabilidade Pessoal	,101	,594	-,275	,142	,033	,864	-,009	,961	-,055	,771	,067	,725	,467**	,009	-,195	,301	,000	,999
Falsas Alegações	-,064	,738	,042	,827	-,159	,402	,038	,842	-,170	,369	-,185	,327	,237	,207	,236	,209	-,178	,346

Nota. *p<.05, **p<.01

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO

O presente estudo tem como objetivo a compreensão do conhecimento acerca da relação da exposição à pornografia com a violência sexual e o endosso de mitos de violação perante um grupo de indivíduos do género masculino que responderam emocionalmente a estímulos de violência sexual e de violência física contra a mulher.

Segundo a revisão de literatura, esperava-se que o endosso de mitos de violação estivesse significativamente associado a mais respostas emocionais positivas e a menos respostas emocionais negativas face ao clip de violação. Os resultados corroboram com esta hipótese uma vez que se verificou uma associação negativa entre a representação estereotipada, a provocação da vítima, as falsas alegações e o afeto negativo face ao *clip* de violência sexual, não existindo associações estatisticamente significativas para o afeto positivo. Outra hipótese, passava por verificar se os mitos de violação estavam significativamente associados a uma maior ativação zigomática e a uma menor ativação supraciliar. Os resultados entre esta associação não apresentaram dados estatisticamente significativos, mas demonstraram ao contrário do que era suposto, houve associação positiva entre a invulnerabilidade pessoal e a resposta supraciliar, para o *clip* sem violência. Também se pretendia compreender se os mitos de violação sexual e as respostas emocionais (afeto positivo e afeto negativo e a excitação sexual subjetiva) estavam associados de maneiras diferentes aos estímulos de violência sexual e aos estímulos de violência física. Posto isto, verificou-se uma associação negativa entre a representação estereotipada, a provocação da vítima e as falsas alegações face ao afeto negativo face ao *clip* de violência sexual. No *clip* de violência física verificou-se uma associação negativa face à representação estereotipada e à invulnerabilidade pessoal face ao afeto negativo. Para além destes resultados, houve também uma associação negativa da representação estereotipada face ao afeto positivo e uma associação positiva à invulnerabilidade pessoal face à resposta supraciliar, ambos para o *clip* sem violência.

Desde que Burt, em 1980, definiu pela primeira vez os mitos de violação que houve um incremento de investigações neste campo (Lonsway & Fitzgerald, 1994) apesar deste aumento, os mitos de violação e a sua relação com os estereótipos do papel sexual continua a ser poucos claros e consistentes (Bitton & Jaeger, 2019).

As atitudes de violação estão fortemente ligadas a outras atitudes profundamente mantidas e difundidas na nossa sociedade (Burt, 1980), tais como as atitudes tradicionais do papel sexual, as atitudes negativas em relação às mulheres e a probabilidade de violação (Lonsway & Fitzgerald, 1994). A definição de mitos de violação está interligada

com a definição de estereótipos. Tal como os estereótipos, os mitos de violação não se caracterizam como a verdade do ato sexual praticado; antes, a definição de mitos de violação diz-nos que são atitudes fortemente mantidas e difundidas na sociedade que passam de geração em geração (Payne, Lonsway, & Fitzgerald, 1999).

Vários estudos demonstraram que a aceitação dos mitos de violação tem uma relevância significativa na população em geral. Por exemplo, Feild (1978) demonstrou que um grupo de indivíduos, em média, aceitou 14 dos 32 mitos de violação na sua escala. Giacopassi e Dull (1986) demonstrou que 25% da amostra de estudantes universitários concordava com cada um dos nove mitos da sua escala. Outro estudo de Gilmartin-Zena (1987) conclui que 35% ou mais dos participantes, com menos de 24 anos, concordavam com 14 dos 24 mitos de violação. Podemos concluir, que os indivíduos que aceitam os mitos de violação atribuem a culpa à vítima e desculpabilizam o agressor.

Sabemos que existem estudos de exposição da pornografia que mostraram que os indivíduos acabam por endossar mais atitudes permissivas e, também temos estudos que mostram a exposição a estímulos de violência sexual resultam em excitação sexual (componente sexual). No entanto, a maior parte das descobertas neste campo, conclui que a exposição à pornografia, pelo menos em cenários experimentais, como é o caso do presente estudo, aumenta a aceitação dos mitos de violação, ou seja, possibilita uma relação positiva entre a exposição à pornografia e a aceitação dos mitos de violação (Allen, Emmers, Gebhardt & Giery, 1995). Os resultados de investigação sobre os efeitos de pornografia concluíram que os homens, tornam-se menos sensíveis às mulheres, preocupam-se menos com a violação, desenvolvem atitudes mais favoráveis à pornografia e desenvolvem atitudes mais negativas em relação às mulheres (Malamuth & Check, 1985; Rice, 1986; Zillman & Bryant, 1982). Posto isto, a exposição à pornografia revela que tal exposição está relacionada com o aumento de crenças e/ou mitos de apoio à violação, bem como ao aumento de culpabilizar a vítima e desculpabilizar o agressor (Corne, Briere & Esses, 1992; Cowan & Campbell, 1995; Davis, Norris, George, Martell & Heiman, 2006).

Os mitos têm esta função de normalizarem a violência sexual, nomeadamente contra a mulher, mas o processo pelo qual isto acontece não sabemos. Sabemos que há uma associação, mas o processo não sabemos, apenas se sabe que há uma possibilidade que está relacionada com a normalização dos estados emocionais. A razão pela qual não sabemos o que acontece prende-se ao facto da inexistência de estudos na literatura que avalie as respostas emocionais dos homens e das mulheres a estímulos de violência,

apenas existem estudos que avaliem a exposição a estes estímulos que se traduzem no endosso de atitudes mais permissivas face à violação. A associação entre os estados emocionais positivos/negativos e a resposta sexual são amplamente conhecidos, ou seja, sabe-se que um estado emocional pode inibir a resposta sexual, mas também pode provocar uma resposta emocional, no entanto como foi referido anteriormente, as razões ou os contextos em que esta associação acontece estão ainda por descobrir (Carvalho, Pereira, Barreto e Nobre, 2016; Carvalho, Pereira, Barreto e Nobre, 2017). Sabe-se que as emoções desempenham efeitos contraditórios tanto na resposta sexual como no funcionamento sexual (Lykins, Janssen & Granham, 2006; Carvalho, Pereira, Barreto e Nobre, 2016). Podemos concluir que as emoções têm um papel importante na resposta sexual dos indivíduos, porém os processos pelos quais as emoções (afeto positivo e afeto negativo) influenciam a resposta sexual são ainda desconhecidos.

O presente estudo é composto por algumas limitações. A primeira limitação encontrada é o número reduzido de participantes que compromete uma análise mais avançada dos dados estatísticos. A utilização de instrumentos de autorrelato, podem enviesar os resultados do presente estudo devido à desejabilidade social. Outra limitação importante de referir é o cansaço dos participantes ao longo do estudo. Por se tratar de uma amostra por conveniência, os resultados, aqui apresentados, não devem ser generalizados. Também é importante referir que o presente estudo não permite inferir uma relação entre respostas emocionais face a estímulos de violência e os próprios atos de perpretação sexual.

O principal contributo do presente estudo é potenciar investigações na área aqui apresentada, com o objetivo de aumentar os estudos em Portugal sobre a perpetração da violência contra mulheres e os mitos a ela associada, uma vez que a investigação sobre este tema é escassa.

Neste sentido, estudos futuros podem analisar a associação entre os mitos e as respostas emocionais, ou seja, testar se a relação entre os mitos de violação e a violência sexual é mediada pelo facto dos indivíduos terem emoções positivas ou favoráveis. Outro estudo futuro poderia ser compreender se os mitos estão associados a mais emoções positivas e a menos emoções negativas e, com isso diminuir os efeitos da violência sexual.

Devido a isto, é importante continuar a estudar este tema para compreender o impacto dos mitos na sociedade e como estes se relacionam as emoções de cada indivíduo.

Referências

- Abrahams, N., Jewkes, R., Hoffman, M., & Laubscher, R. (2004). Sexual violence against intimate partners in Cape Town: prevalence and risk factors reported by men. *Bulletin of the World Health Organization*, 82, 330-337. doi: 10.1590/S0042-96862004000500006
- Allen, M., Emmers, T., Gebhardt, L., & Giery, M. A. (1995). Exposure to Pornography and Acceptance of Rape Myths. *Journal of Communication*, 45, 5-26. doi: 10.1111/j.1460-2466.1995.tb00711.x
- Anderson, I. (2007). What is a typical rape? Effects of victim and participant gender in female and male rape perception. *British Journal of Social Psychology*, 46, 225-245. doi: 10.1348/014446606x101780
- Associação Portuguesa de Apoio à vítima (APAV). (2019). *Respeita a vontade dos outros. A violência sexual é crime*. Acedido Novembro de 2019 em <https://apav.pt/unisexo2/index.php/pt/features>
- Associação de Violência Contra Mulheres. (2015). Guia de Bolso sobre a Violência Sexual – para Profissionais
- Beshers, S., & DiVita, M. (2019). Changes in Rape Myth Acceptance Among Undergraduates: 2010 to 2017. *Journal of Interpersonal Violence*, 6, 1-22. doi: 10.1177/0886260519867153
- Bitton, M. S., & Jaeger, L. (2019). “It Can’t Be Rape”: Female vs. Male Rape Myths Among Israeli Police Officers. *Journal of Police and Criminal Psychology*. doi: 10.1007/s11896-019-09327-4
- Burrowes, N. (2013). *Responding to the challenge of rape myths in court*. NB Research: London
- Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 217-230. doi: 10.1037/0022-3514.38.2.217
- Carvalho, J., Pereira, R., Barreto, D., & Nobre, P. J. (2016). The Effects of Positive Versus Negative Mood States on Attentional Processes During Exposure to Erotica. *Archives of Sexual Behavior*, 46, 2495-2504. doi: 10.1007/s10508-016-0875-3

- Carvalho, J., Pereira, R., Barreto, D., & Nobre, P. J. (2017). The Effects of Positive Versus Negative Mood States on Attentional Processes During Exposure to Erotica. *Archives of Sexual Behavior*, 46, 2495-2504. doi: 10.1007/s10508-016-0875-3
- Ceelen, M., Dorn, T., Huis, F. S., & Reijnders, U. J. L. (2016). Characteristics and Post-Decision Attitudes of Non-Reporting Sexual Violence Victims. *Journal of Interpersonal Violence*, 34, 1961-1977. doi: 10.1177/080626051665875
- Corne, S., Briere, J., & Esses, L. M. (1992). Women's attitudes and fantasies about rape as a function of early exposure to pornography. *Journal of Interpersonal Violence*, 7, 454-461. doi: 10.1177/088626092007004002
- Cowan, G., & Campbell, R. R. (1995). Rape causal attitudes among adolescents. *Journal of Sex Research*, 32, 145-153. doi: 10.1080/00224499509551784
- Davis, K. C., Norris, J., George, W. H., Martell, J., & Heiman, J. R. (2006). Rape-Myth Congruent Beliefs in Women Resulting from Exposure to Violent Pornography. *Journal of Interpersonal*, 21, 1208-1223. doi: 10.1177/0886260506290428
- Direção Geral da Saúde (2016). *Violência Interpessoal: abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde*. Retirado de https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/violencia_interpessoal-pdf.aspx
- Donnerstein, E. (1980). Aggressive erotica and violence against women. In N. M. Malamuth & E. Donnerstein (Eds.), *Pornography and Sexual aggression* (pp. 53-82). New York: Academic Press
- Eschholz, S., & Vaughn, M. S. (2001). Police sexual violence and rape myths. *Journal of Criminal Justice*, 29, 389-405. doi: 10.1016/S0047-2352(01)00104-0
- Field, H. S. (1978). Attitudes toward rape: A comparative analysis of police, rapists, crisis, counselors, and citizens. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 156-179.
- Franiuk, R., Seefeldt, J. L., & Vandello, J. A. (2008). Prevalence of Rape Myths in Headlines and Their Effects on Attitudes Toward Rape. *Sex Roles*, 58, 790-801. doi: 10.1007/s11199-007-9372-4

- Freese, B., Moya, M., & Megías, J. L. (2004). Social perception of rape: How rape myth acceptance modulates the influence of situational factors. *Journal of Interpersonal Violence, 19*, 143-161. doi: 10.1177/0886260503260245
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa de Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo Psicométrico. *Análise Psicológica, 2*, 219-227
- Gavey, N. (1991). Sexual Victimization Prevalence Among New Zealand University Students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 59*, 464-466. doi: 1037/0022-006x.59.3.464
- Giacopossi, D. J., & Dull, R. T. (1986). Gender and racial differences in the acceptance of rape myths within a college population. *Sex Roles, 15*, 63-75.
- Gilmartin-Zena, P. (1987). Attitudes toward rape: student characteristics as predictors. *Free Inquiry in Creative Sociology, 15*, 175-182.
- Hayes-Smith, R. M., & Levett, L. M. (2010). Student Perceptions of Sexual Assault Resources and Prevalence of Rape Myth Attitudes. *Feminist Criminology, 5*, 335-354. doi: 10.1177/1557085110387581
- Herrett, J. (1993). *The effects of exposure to female oriented pornography on viewer's attitudes toward women: A social learning theory analysis*. Unpublished master's thesis, University of Wisconsin-Milwaukee
- Hockett, J. M., Saucier, D. A., & Badke, C. (2015). Rape Myths, Rape Scripts, and Common Rape Experiences of College Women. *Violence Against Women, 22*, 307-323. doi: 10.1177/1077801215599844
- Janssen, E. (coord.) (2007). *The psychophysiology of sex*. Bloomington, IN: University of Indiana Press
- Koss, M. (1988). Hidden rape: Sexual aggression and victimization in national sample of students in higher education. In A. W. Burgess (Ed.), *Rape and sexual assault* (pp. 3-25). New York and London: Garland
- Kress, V. E., Shepherd, J. B., Anderson, R. I., Petuch, A. J., Nolan, J. M., & Thiemeke, D. (2006). Evaluation of the Impact of a Coeducational Sexual Assault Prevention Program on College Students' Rape Myth Attitudes. *Journal of College Counseling, 9*, 148-157. doi: 10.1002/j.2161-1882.2006.tb00101.x

- Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). *Violência e Género: Inquérito Nacional sobre a Violência exercida contra Mulheres e Homens*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
- Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape Myths: In Review. *Psychology of Women Quarterly*, 18, 133-164. doi: 10.1111/j.1471-6402.1994.tb00448.x
- Lykins, A. D., Janssen, E., & Graham, C. A. (2006). The relationship between negative mood and sexuality in heterosexual college women and men. *Journal of Sex Research*, 43, 136-143. doi: 10.1080/00224490609552308
- Malamuth, N. M., & Check, J. V. P. (1985). The effects of aggressive pornography on beliefs in rape myths: Individual differences. *Journal of Research in Personality*, 19, 299-320. doi: 10.1016/0092-6566(85)90021-2
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30, 177-191
- Moor, A. (2007). When Recounting the Traumatic Memories is Not Enough. *Women & Therapy*, 30, 19-33. doi: 10.1300/j015v30n01_02
- National Institute of Justice (2010). Overview of Rape and Sexual Violence. Acedido Novembro de 2019 em <https://nij.ojp.gov/topics/articles/overview-rape-and-sexual-violence>
- Organização Mundial da Saúde. (2010). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. World Health Organization. Retirado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf?sequence=3
- Payne, D. L., Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1999). Rape Myth Acceptance: Exploration of Its Structure and Its Measurement Using the Illinois Rape Myth Acceptance Scale. *Journal of Research in Personality*, 33, 27-68. doi: 10.1006/jrpe.1998.2238
- Reling, T. T., Barton, M. S., Becker, S., & Valasik, M. A. (2017). Rape Myths and Hookup Culture: An Exploratory Study of U.S. College Students' Perceptions. *Sex Roles*, 78, 501-514. doi: 10.1007/s11199-017-0813-4

- Reling, T. T., Becker, S., Drakeford, L., & Valasik, M. (2018). Exploring the Influence of Hookup Culture on Female and Male Rape Myths. *Journal of Interpersonal Violence*. doi: 10.1177/0886260518801021
- Rice, M. E. (1986). Review of Pornography and Sexual aggression. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 18, 109-112. doi: 10.1037/h0084757
- Rosen, R. C., & Beck, J. G. (1988). *Patterns of sexual arousal. Social and ethical concerns in sexual psychophysiology*. New York: the Guilford Press
- Rosensteins, J. E., & Carroll, M. H. (2015). Male Rape Myths, Female Rape Myths, and Intent to Intervene as a Bystander. *Violence and Gender*, 2, 204-208. doi: 10.1089/vio.2015.0027
- Russell, D. (1982). *Rape in marriage*. New York: Macmillan
- Slade, J. W. (1975). Recent trends in pornographic films. *Society*, 12, 77-84. doi: 10.1007/bf02696892
- Smith, D. D. (1976). The Social Content of Pornography. *Journal of Communication*, 26, 16-24. doi: 10.1111/j.1460-2466.1976.tb.01351.x
- Smith, O., & Skinner, T. (2017). How Rape Myths Are Used and Challenged in Rape and Sexual Assault Trials. *Social & Legal Studies*, 26, 441-446. doi: 10.1177/0964663916680130
- Suarez E., & Gadalla, T. M. (2010). Stop Blaming the Victim: A Meta-Analysis on Rape Myths. *Journal of Interpersonal Violence*, 25, 2010-2035. doi: 10.1177/0886260509354503
- Walfield, S. M. (2018). "Men Cannot Be Raped" Correlates of Male Rape Myth Acceptance. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 1-27. doi: 10.1177/0886260518817777
- Zillman, D., & Bryant, J. (1982). Pornography and sexual callousness, and the trivialization of rape. *Journal of Communication*, 32, 10-21. doi: 10.1111/j.1460-2466.1982.tb02514.x
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070. doi: 10.1037/0022-3514.54.6.1063